crítica documental, que constitui a mais durável e a menos contestada das características da história, o questionário e as exigências do projeto de análise dos discursos tal como foi formulado em articulação com o trabalho efetivo dos historiadores, e cujo objeto é, finalmente, as imposições e o meios que regulam as práticas discursivas da representação... Por outro lado, pensar o trabalho histórico como um trabalho sobre a relação entre representações e práticas..." (Chartier, 1987, p. 16-17).

Bibliografia:

ALTHUSSER, L. *Lire le Capital*. t. I, Paris: Maspéro, 1968.

_____. *Positions*. Paris: Éditions Sociales, 1976.

CHARTIER, R. Le passé composé. *Traverses*, n. 40, 1987.

CHEVALIER, J.C. La langue linguistique et histoire. *Faire de l'histoire*, Paris: Gallimard, t. 3, 1974, p. 131-132.

COURTINE, J.-J. L'instituteur et le militant: contribution à l'histoire de l'analyse du discours en France. *Archives et Documents de la SHESL*, n. 2, 1982.

_____. Les glissements du spectacle politique. *Esprit*, n. 164, p. 152-164, 1990.

DE CERTEAU, M. *L'écriture de l'histoire*. Paris: Gallimard, 1975.

DUBOIS, J. Énoncé et énonciation. *Langages*, Paris, n. 13, p. 100-110, 1969.

GARDIN, B.; MARCELLESI, J.B. *Introduction à la sociolinguistique*. Paris: Larousse, 1974.

GUESPIN, L. Problématique des travaux sur le discours politique. *Langages*, Paris, n. 23, 1971.

_____. Les embrayeurs en discours. *Langages*, Paris, n. 41, 1976.

JUDT, T. *Marxism & the French Left*. New York; London: Oxford University Press, 1986. (tradução francesa: Paris, Flammarion, 1987)

LAKS, B. Le champ de la sociolinguistique française de 1968 à 1983: production et fonctionnement. *Langue Française*, n. 63, 1984.

MALDIDIER, D. *L'inquiétude du discours*; textes de M. Pêcheux choisis et présentés par D. Maldidier. Paris: Éditions de Cendres, 1990.

MARCELLESI, J.B. L'analyse du discours en France: oppositions ou contracditions?, *document ronéoté*, Université de Mexico, 1977.

PÊCHEUX, M. *Language, Semantics and Ideology*. London: MacMillan, 1982.

ROBIN, R. *Histoire & Linguistique*. Paris, A. Collin, 1973.

_____. Le hors-texte dans le discours politique. *Recherches et Théories* (Université du Québec à Montréal), n. 19, 1979.

TODD, E. *La nouvelle France*. Paris: Seuil, 1988.

El anatomista de Federico Andahazi[1]

Francisco Domínguez Durán[2]

Tradução: Márcia Hoppe Navarro[3]

Aqui está um romance apaixonante e ousado. Apaixonante, já que investiga as raízes do pensamento europeu moderno sobre a natureza da mulher, e ousado porque é um romance feminista...escrito por um homem. A ousadia não se deve somente ao fato de que aborde um tema "normalmente" abordado por escritoras mulheres, mas porque, além disso explora, literariamente, os recônditos labirintos da libido feminina.

Seu objeto de análise literária é aquela parte da anatomia feminina tão difícil de descobrir para tantos homens, e tão oculta e reprimida culturalmente na perspectiva de tantos milhões de mulheres - e de homens - no mundo. A história trata das metamorfoses investigativas de um cientista renascentista italiano, Mateo Colombo, quem, para poder conseguir o amor de Mona Sofia, procura com afinco e determinação "*a chave mágica que abre o coração das mulheres, o segredo que governa a misteriosa vontade do amor feminino*" (p. 13)[4]. Trata-se do *Amor Veneris* ou *Kleitoris*. Os membros da alta hierarquia da Igreja Católica, ao se defrontarem com este extraordinário acontecimento, decidem colocar Mateo Colombo nas mãos do adusto e severo tribunal da Santa Inquisição. Perguntam-se as doutas autoridades eclesiásticas da época que destino teria a cristiandade se este feminino objeto do pecado caísse sob o controle das hostes de Satanás. Tal descobrimento é, para os guardiães da Santa Inquisição, simultaneamente herético e erótico, no pior sentido que tinham estes termos no beato século XVI, pois oferece à mulher a possibilidade de converter-se também em sujeito sexual.

A ironia, o sarcasmo e, por que não dizê-lo, a verdadeira audácia com que Andahazi aborda o tema é (literariamente falando) deliciosa. Ri com justiça da fanfarronice dos homens da época e, por extensão, dos atuais, que inutilmente adotam todo tipo de estratégias absurdas e ridículas para impressionar sexualmente às mulheres com destrezas e tamanhos falsamente exagerados.

No romance a objetivação da mulher se faz de forma magistral e poderosa: Colombo, o anatomista, utiliza cadáveres femininos para as dissecações

---

[1] Texto gentilmente cedido pelo autor para tradução e publicação. Trata-se de resenha do romance *El anatomista*, publicado em Buenos Aires, pela Planeta, em 1997.

[2] Chefe de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Middlesex, Inglaterra.

[3] Instituto de Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

[4] Para as citações foi utilizada a tradução em português de Paulina Wacht e Ari Roitman de ANDAHAZI, Federico. *O anatomista*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997. N.T.

anatômicas empreendidas pelos estudantes da cátedra de medicina da Universidade de Pádua. Tanta era a necessidade de cadáveres que se havia desenvolvido um comércio clandestino e *"tanta era a necrofilia, que o mais alto elogio a que uma mulher podia aspirar era: - Que belo cadáver tendes - diziam antes de degolá-la."* (p. 38). Mateo Colombo realiza estudos de anatomia também em mulheres vivas e *"suas mãos sabiam tocar numa mulher como as mãos de um músico sabem tocar seu instrumento. Os imprecisos limites entre a ciência e a arte faziam de suas mãos o instrumento mais sublime, mais elevado e difícil: a efêmera arte de dar prazer; disciplina que, como a da conversação, não deixa traços nem testemunhas."* (p. 41).

Contudo, o descobrimento de Mateo Colombo deveria enfrentar todo o poder e a virulência misóginos da Igreja Católica. O guardião mais importante, o reitor Alessandro de Legnano, uma mediocridade (que *"ninguém ignorava, nem mesmo os Doutores da Igreja, era dono de uma inteligência próxima à de uma mula, mas usufruía da influência do Vaticano"*), além de ser um misógino militante, a *"mera menção de um certo 'prazer de Vênus - por mais de um motivo - fervia-lhe o sangue."* (p. 37). O crime de Mateo Colombo era infinitamente grave: ter desvelado *"aquilo que devia manter-se para sempre ignorado."* (p. 43).

O romance nos apresenta a tese de que parte importante da subjugação da mulher consiste no controle e repressão de sua sexualidade por parte do homem. O anatomista não é um revolucionário decidido a lutar pelo direito da mulher ao prazer sexual. Nem sequer tem ele a intenção de desafiar os sagrados cânones da Igreja sobre a mulher. Isto é, ao contrário de outros condenados pela Inquisição, *"não caminhava decidido para a fogueira em nome da verdade."*. A *"origem da descoberta era um amor fracassado. O anatomista não ansiava a compreensão das leis gerais que governam o obscuro proceder feminino mas, simplesmente, um lugar no coração de uma mulher."* (p. 44). Esta era Mona Sofia que havia sido criada em um bordel de Veneza sob uma rígida educação cristã (*"porque - obviamente - uma boa puta devia ser cristã."*- p. 46). Andahazi nos exibe a corrupção venal e sexual dos clérigos da época - época, diga-se de passagem, do apogeu do Catolicismo -. O vigário que ministra os primeiros sacramentos à menina Mona Sofia exige, como pagamento, os serviços de uma das pupilas do bordel durante quinze dias e *"per tutti gli orifici"* (p. 47). O autor nos mostra o clero e a nobreza vigorosamente dedicados à necrofilia, pedofilia e outras sexofilias. A mulher, desde criança, é um objeto sexual involuntário, obrigado, dos homens com poder.

Mona Sofia é de uma beleza perturbadora, mas além disso é de temperamento independente e feroz, possuidora de *"uma malícia inteligente, sarcástica, que ispirava a mesma fascinação, o mesmo medo que o olhar da serpente infunde em suas vítimas"*, nos supersticiosos *"despertava terrores e negros augúrios"*, e nos religiosos *"temores satânicos, porque, sabia-se, a inteligência numa mulher bonita era sinal indubitável da influência do demônio."* (p. 47). A associação da inteligência feminina com o demônio, ou com o mal,

dispensa comentários. O que Andahazi parece estar nos dizendo é quão pouco as coisas mudaram desde então. Mateo Colombo busca primeiro, inutilmente, todos os afrodisíacos possíveis para apoderar-se da *"chave do paraíso"*. A solução para despertar e liberar a libido de uma mulher - como elas bem o sabem - não está na magia de uma poção artificiosamente elaborada com ingredientes exóticos. Nisso também não mudaram muito as coisas desde o século XVI. O anatomista - como seu homônimo genovês, Cristóvão Colombo, - realiza "seu descobrimento" no corpo de Inês de Torremolinos, que se encontrava quase em seus últimos suspiros, devido à carência total do desfrute do *frenesi veneris,* hoje em dia conhecido como orgasmo, e provavelmente tão raro hoje como o era naquela aziaga época. É no corpo de Inês de Torremolinos que Colombo descobre este orgão que parece ser *"a sede do amor e do prazer da enferma"* (p. 105). E, como seu homônimo genovês, Mateo Colombo escreveu *"Oh, minha América, minha doce terra encontrada."* no começo de um dos capítulos de sua obra científica. Seu descobrimento se transforma em euforia quando comprova não apenas que essa protuberância existia em todas as mulheres mas que produzia o mesmo *frenesi veneris* em todas elas. Como havia sido possível que aquele *doce tesouro* passara inadvertido durante séculos? Paradoxalmente, o descobrimento deste diminuto diamante é para Mateo Colombo *"a prova irrefutável da inexistência da alma nas mulheres."* (p. 109).

Andahazi decifra o enigma contido nesta afirmação no julgamento que a Santa Inquisição impinge a Colombo acusando-o de heresia, blasfemia, bruxaria e satanismo. Na alegação incriminatória de Alessandro de Legnano se acusa Mateo de atribuir-se ter encontrado o órgão que governa a vontade, o amor e o prazer nas mulheres, *"como se a vontade da alma e o prazer do corpo pudessem ser colocados em pé de igualdade."* (p. 123) . Tal decobrimento *"não passa de um diabólico embuste."*. A defesa de Mateo Colombo, dividida em dezenove capítulos, consiste em um desatinado discurso sofístico: todas as questões relacionadas ao corpo devem demonstrar-se, antes, de maneira teológica. Apresentar uma tese sobre o corpo implica, forçozamente, em expor outra sobre a alma. Conseqüentemente, a anatomia não faz outra coisa que descifrar a Obra do Todo-Poderoso cujas Verdades estão contidas nas Sagradas Escrituras. Os movimentos musculares não têm nenhuma conexão com a alma, por conseguinte, as paixões não têm nenhuma relação com o corpo, são geradas e acabam na alma, que intervém no corpo quando os órgãos sexuais são estimulados e impede o pecado da carne. Desta maneira, o amor é um puro atributo da alma, enquanto o impulso sexual é puramente corporal: na reprodução, o esperma do homem contribui com a alma do ser futuro, enquanto a mulher colabora apenas com a matéria do futuro ser, quer dizer, com o corpo. Mas, diferentemente do homem, a mulher tem literalmente a alma no corpo, o órgão chamado Amor Veneris que governa todas as ações da mulher, *"das mais nobres às mais repugnantes, das mais dignas e honrosas às mais vis e desprezíveis"* (p. 141). Neste sentido, desde a *"mais promíscua prostituta até a mais fiel e casta esposa, da mais devota e consagrada religiosa àquela que pratica bruxaria, todas as mulheres, sem*

distinção, são objeto do arbítrio desta parte anatômica;" (id). O esperma masculino, ao contrário da matéria fecal ou urinária, é metafísico, pois não necessita, imperiosamente, ser evacuado. Por outro lado, na mulher, os fluidos que produz são expulsos para o interior do corpo com conseqüências demoníacas: *"se algum lugar do corpo é escolhido pelo demônio para fazer sua morada, não duvideis que tal ponto é o Amor Veneris."* (p. 146). Assim, a definição de mulher oferecida por Mateo Colombo é encantadoramente horrível: *"toda aquela carne que circunda o Amor Veneris."* (p.150). Daria muito trabalho encontrar uma objetivação da mulher mais brutal do que esta. Mateo Colombo se salva da fogueira não graças a sua brilhante, porém falsa, defesa, mas devido à intervenção da Divina Providência.

A paranóia e a insegurança masculinas recebem uma boa surra em *O anatomista.* A pergunta que domina toda a história é: Que calamidades não se abateriam sobre a Cristiandade *se as filhas de Eva descobrissem que trazem no meio das pernas as chaves do céu e do inferno*? (p.13). Uma leitura superficial de *O anatomista* levaria provavelmente muitos homens a trivializarem a crueza e franqueza da linguagem de Andahazi (dá quase para imaginar o riso abafado, o comentário vulgar, o gesto grosseiro). Contudo, o sarcasmo e a ironia são deliberados no romance para ressaltar a violência misógina inevitavelmente contida na objetivação da mulher - desde seus primeiros anos neste mundo - e, principalmente, o dualismo amor-sexo que, aliado à frustração sexual da mulher constantemente produzida pelo patriarcado, são horrores que afetam nem mais nem menos que à meia humanidade, causando pavorosos níveis de violência e sofrimento que a outra metade, sem querer querendo, perpetua. Se é que há alguma dúvida sobre a seriedade com que Andahazi trata o tema, a resolução da trama neste romance provocativo desemboca na doença, na circuncisão feminina e na morte. As grandes perdedoras do romance são, como na própria vida, as mulheres. Um excelente romance. Sua leitura: um dever.

Os dicionários bilíngües: parâmetros de avaliação lexicográfica[1]

Cristina Gelpí Arroyo[2]
Tradução: Cleci Regina Bevilacqua[3]

Apresentação

Todas as atividades, os processos e os procedimentos são objeto, de modo praticamente sistemático, de uma avaliação de funcionamento. De fato, cada vez que vemos um programa de televisão, dirigimos um carro, fazemos uma prova ou colocamos em prática um processo químico, por exemplo, fazemos diversas operações que implicam um processo de controle da operação que realizamos. Para este control, verificamos o canal de televisão que escolhemos, controlamos o retrovisor do carro, somos avaliados em uma prova ou seguimos os passos estabelecidos para conseguir um produto químico.

Nossa atividade normal está repleta, e de modo contínuo, de operações destinadas a verificar e assegurar a adequação entre o que fazemos e o que esperamos como resultado de nossas opções. Daí depreende-se o conceito de avaliação que tomamos como ponto de partida.

Por avaliação entedemos o processo que determina o mérito ou o valor de alguma coisa (Scriven, 1991). A avaliação supõe um processo ou um conjunto de processos para a obtenção e análise da informação relevante sobre a qual se deve fundamentar um juízo de valor em relação a um objeto, um fenômeno, um processo ou um fato, como uma base para uma eventual decisão sobre o mesmo objeto, fenômeno ou fato (Cabrera, 1986).

A partir daqui, se deduz, por lógica, que qualquer atividade que se queira qualificar objetivamente deve poder ser avaliada; deve poder ser medida em termos de eficácia, de eficiência e de rentabilidade, entre outros. Neste sentido, um processo químico, uma prova, um curriculum ou o arranque de um avião, por exemplo, são atividades que podem ser reduzidas a um conjunto de instruções que nos permitem, através da qualificação, fazer uma avaliação.

Visto desta perspectiva, entendemos que avaliar representa objetivar, medir a eficácia do que se questiona a partir de critérios de êxito. Consideramos que este processo de medida de eficácia também pode ser aplicado aos dicionários

[1] Agradecemos à autora a permissão para traduzir e publicar o presente texto, originalmente escrito em catalão.
[2] Instituto Universitário de Lingüísitica Aplicada - Universidade Pompeu Fabra, Barcelona, Espanha.
[3] Professora do Instituto de Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Está realizando seu Doutorado na Universidade Pompeu Fabra.